



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Influência da cobertura florestal ribeirinha sobre a estrutura das comunidades de peixes nos Rios Tapajós e Tocantins, Amazônia Brasileira
Autor	KALUAN CALINI VIEIRA
Orientador	RENATO AZEVEDO MATIAS SILVANO

Título: Influência da cobertura florestal ribeirinha sobre a estrutura das comunidades de peixes nos Rios Tapajós e Tocantins, Amazônia Brasileira.

Vieira, Kaluan Calini; Silvano, Renato Azevedo Matias – UFRGS

As florestas ribeirinhas são um importante habitat para peixes de água doce em todo o mundo, porque fornecem abrigo e recursos alimentares. A estrutura da paisagem no entorno de rios (p. ex., relação entre áreas alagadas e áreas com ou sem cobertura florestal) pode influenciar a estrutura das comunidades de peixes. Na Amazônia, por ser um bioma fortemente afetado pela sazonalidade, os padrões de cobertura de solo nas matas alagadas (várzea ou igapós) dos rios se tornam um fator ainda mais importante, uma vez que grandes áreas são inundadas durante o período de cheia. Dessa forma, espera-se que áreas inundáveis de solo exposto (i.e. sem cobertura florestal) devam apresentar diferenças quanto à comunidade de peixes se comparado com áreas de floresta. O objetivo deste trabalho é verificar a relação entre a proporção de cobertura florestal ribeirinha e a estrutura (abundância, biomassa e riqueza de espécies) das comunidades de peixes nos Rios Tapajós e Tocantins, Amazônia Brasileira. Os dois rios diferem quanto à cobertura florestal, sendo o Tapajós muito mais preservado que o Tocantins. A hipótese é de que a abundância (total e de algumas espécies mais associadas à floresta), biomassa total e riqueza de espécies de peixes seriam positivamente relacionadas com a cobertura florestal. Os dados dos peixes foram obtidos em 9 pontos no Médio Rio Tapajós e 5 pontos no Médio Rio Tocantins, os quais foram georreferenciados. As amostragens foram realizadas na época da seca (outubro e novembro de 2018), utilizando redes de espera com malhas variando de 15 a 80 mm entre nós adjacentes, durante 24 horas. Para realizar a análise da cobertura florestal foram utilizados mapas e dados de cobertura e uso do solo (provenientes do Projeto MapBiomass, Coleção 3.1). A partir das coordenadas de cada ponto de coleta, foi estipulado um *buffer* com raio de 4 km para calcular a proporção de áreas de floresta, não-floresta e cobertura de água, utilizando o software de geoprocessamento TerrSet/Idrisi. Por fim, foram realizados testes de regressão linear para verificar se há um efeito dos padrões de cobertura do solo (proporções de áreas florestadas, variáveis independentes) sobre os parâmetros ecológicos dos peixes (número total de indivíduos e biomassa total, variáveis dependentes) nos dois rios. Foram também realizados testes de hipótese (Teste T) para comparar a cobertura florestal e parâmetros da ictiofauna entre os dois rios. Os resultados preliminares demonstraram uma diferença significativa na proporção de área de floresta comparando os dois rios ($p < 0,0001$), sendo o Tapajós o rio com maiores proporções de áreas com cobertura florestal, apresentando média de $85\% \pm 0,09\%$ de área florestada, comparado a $41\% \pm 0,07\%$ no Rio Tocantins. Por outro lado, não foi verificada uma relação entre a proporção de área florestada e abundância total (Tapajós: $r^2 = 0,1668$, $p = 0,27$; Tocantins: $r^2 = 0,0934$, $p = 0,61$) ou biomassa total de peixes (Tapajós: $r^2 = 0,0689$, $p = 0,5$; Tocantins: $r^2 = 0,0534$, $p = 0,7$) em ambos os rios. Esses resultados aparentemente não confirmam a hipótese de que a cobertura florestal ribeirinha influenciaria positivamente a abundância e biomassa de peixes. Duas explicações não mutuamente exclusivas são sugeridas para esses resultados. A primeira é que o baixo número de réplicas (9 no Rio Tapajós e 5 no Rio Tocantins) pode não ter sido suficiente para evidenciar a relação entre as variáveis. A segunda é que as variáveis dependentes utilizadas nessas análises preliminares (abundância e biomassa total de peixes) não consideram diferenças biológicas entre grupos funcionais e entre espécies. Dessa forma, espécies que não dependem de recursos florestais ou se movimentam por grandes áreas (migradoras) podem influenciar os resultados. A identificação taxonômica dos indivíduos de peixes coletados encontra-se em andamento. Após concluída a identificação das espécies, os próximos passos serão realizar análises levando em consideração a riqueza de espécies e também grupos funcionais que possuem relação direta com a cobertura florestal ribeirinha (p. ex., frugívoros e herbívoros sedentários, peixes que desovam na vegetação alagada, dentre outros).